

---

## O TERMO *NEGÓCIO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO SETECENTISTA

---

ALÉXIA TELES DUCHOWNY\*

LUÍZA PEREIRA DE OLIVEIRA\*\*

---

### RESUMO

O objetivo deste artigo foi analisar as características do nome *negócio* no português setecentista. Esta pesquisa foi motivada pela observação feita por Amaral e Ramos (2014), que sugerem que o século XVIII parece ter sido a fase inicial da gramaticalização de *negócio*, passando de nome lexical a geral. Há evidências de que *negócio* era utilizado como sinônimo de *coisa*, nome geral por excelência, ainda no latim, o que nos leva a supor que a gramaticalização de *negócio* seja mais antiga do que imaginamos e que *negócio* tenha entrado para o português já com o estatuto de nome geral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nome geral. Item *negócio*. Língua portuguesa setecentista. Gramaticalização.

---

### I INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como principal objetivo a descrição do nome *negócio* no século XVIII, período que teria sido a fase inicial de seu uso como nome geral, de acordo com Amaral e Ramos (2014, p. 127): “Vimos que dois, dos quatro nomes gerais analisados neste volume, já entraram na língua portuguesa com esse estatuto (*pessoa* e *coisa*); os outros dois parece que só adquiriram esse estatuto no século XX (*negócio* e *trem*).” Os autores sugerem que o nome *negócio* “parece” haver começado a ser utilizado como nome geral no século XVIII, levantando uma hipótese, mas não discutindo a fundo esse tópico, por não ser o objetivo do livro pioneiro sobre nomes gerais do português.

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: alexiateles@letras.ufmg.br

\*\* Graduada em Letras Português – Espanhol pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: luhpereira98@hotmail.com

Motivadas pela obra, nosso trabalho busca descrever e analisar o item *negócio* no português setecentista e, como veremos com mais detalhes, a presente pesquisa acaba por apontar que *negōtium* > *negócio* já era utilizado como nome geral e como sinônimo de *coisa* ainda no latim.

Nossa discussão é uma consequência, também, do estudo de Duchowny e Oliveira (2018), por meio do qual foi possível observar ambiguidade durante a análise de ocorrências de *negócio* em documentos setecentistas. No trabalho mencionado, que trata de nomes gerais com o traço [-humano], não parecia clara a distinção de *negócio* com sentido generalizado ou específico. De fato, foi comum a ocorrência desse nome em contextos em que não estão envolvidos assuntos referentes a acordos ou trato comerciais, mas sim a contextos mais generalizados.

Assim, à luz dos estudos mencionados em nossa revisão bibliográfica, partimos da hipótese de que *negócio* teria passado por um processo de gramaticalização antes mesmo do século XVIII, já atuando como nome geral nesse período. Para buscar entender e explicitar os estágios da história de *negócio*, procuramos responder às seguintes perguntas: (i) durante o século XVIII, a distinção genérico/específico era clara ou havia ambiguidade? (ii) O termo *negócio* era mais utilizado em sua acepção específica ou genérica? (iii) Quais diferenças existem entre o nome *negócio* do século XVIII e o do século XXI? Com as respectivas respostas para tais questões, poderemos confirmar, ou não, nossa hipótese.

Tendo como *corpus* documentos setecentistas em língua portuguesa, produzidos no Brasil, foi possível dividir as ocorrências coletadas em três grupos: [+específico], quando *negócio* aparece com sentido de acordo/trato comercial; [+generalizado], quando *negócio* possui um referente que não faça parte do campo semântico de acordo/trato comercial ou é muito abrangente; e por último, o grupo “ambíguo”, quando o contexto não oferece dados suficientes para afirmar qual seria a acepção de *negócio* se [+genérico] ou [+específico]. Abaixo, um exemplo de cada grupo -- [+específico], [+genérico] e “ambíguo” – respectivamente<sup>1</sup>:

Eu muito me Custa queixar, porem já disse a Vossa merce que Com estivos Ruins e mal acondicionados, me não mande, e se me quer ajudar seja com Fazendas boas, e mandar me tudo quanto lhe mando

pedir, podendo ser de contrario não faco negocio porque não tenho outra Couza a que me atenha (doc. 71, 1ª p., linha 20) (*Corpora PHPB*, 2018).

Mas ou fosse pela infelicidade d'hum particular objeto, ou porque o tempo seria improprio, e So digno de nelle S'attender a negocios mais positivos, politicos, e geraes; nem hum d'elles foi servido persuadir-se, que as minhas exposiçoens herão susceptiveis d'atensão (doc. 105, 1ª p., linha 9) (*Corpora PHPB*, 2018).

Estando eu já Com embarcação prompta com Mestre e Marinheiros da equipagem, e lotaçã para fazer remeter a esta hora, que hé huã depois demeia noite, por me Ser ex cessivamente recomendado peLo Ouvidor e Camara da Villa de Porto Seguro a condução de taõ importante **negocio** a ordem de Sua Magestade, me vi nos termos de não conseguir a viagem (doc. 103, linha 7) (*Corpora PHPB*, 2018).

A ocorrência de *negocio* no exemplo (3) foi considerada ambígua, pois, no documento em questão, não está evidenciado do que se trata o importante negócio ao qual faz referência o autor da carta, há apenas essa menção. Dessa maneira, *negocio* pode se referir a um assunto de qualquer tipo, possuindo aceção específica ou não.

Compreender melhor o percurso do item *negocio* se mostra relevante porque todos os estudos sobre os nomes gerais, até então, ainda não se voltaram com a devida atenção para o passado. A gramaticalização é frequentemente citada como tendo afetado os itens que são considerados nomes gerais no português contemporâneo, porém, mais pesquisas continuam necessárias, na busca de evidências que comprovem que a generalização dos itens é resultante do processo de gramaticalização, e a eventual datação dos subprocessos.

A seguir, indicaremos o procedimento metodológico da pesquisa, seu arcabouço teórico e, finalmente, a análise e discussão dos dados, terminando-se com uma síntese dos resultados.

## 2 NOMES GERAIS

O termo *nomes gerais* (*'general nouns'*) foi mencionado pela primeira vez por Halliday e Hasan (1976). Segundo os autores, tais nomes formam uma classe que se encontra na fronteira entre classes

gramaticais (fechadas, como preposições e pronomes) e lexicais (abertas, com carga semântica alta, como nomes e verbos).

Nomes genéricos possuem capacidade referencial ampla, pois não remetem a propriedades específicas de um item e podem ser usados para representar um conjunto maior e globalizado de coisas. Essa capacidade é resultante de um esvaziamento semântico que esses nomes sofreram e, com isso, podem retomar uma grande variedade de termos de diferentes traços, orações e até mesmo todo um assunto, sendo aplicáveis a vários contextos. Logo, nomes gerais possuem função generalizadora e contribuem para a coesão textual. O comportamento desses nomes se assemelha ao de pronomes, na medida em que se distancia dos nomes lexicais (HALLIDAY; HASAN, 1976).

Além de seu papel coesivo, os falantes podem recorrer aos nomes gerais quando esquecem ou não querem especificar o termo ao qual pretendem fazer menção. Quanto à origem, nomes gerais geralmente se desenvolvem a partir de nomes comuns e têm seu significado indo de um domínio mais concreto para um mais abstrato (AMARAL; RAMOS, 2014).

Apresentamos, até aqui, as principais características dos nomes genéricos. No entanto, cada nome possui suas particularidades e agora partiremos para uma explanação do que a bibliografia traz até o momento sobre o nome *negócio* em especial, foco central do presente artigo.

## 2.1 O NOME GERAL *NEGÓCIO*

O termo *negócio* provém da forma latina *negōtium*, sendo a sua primeira ocorrência na língua portuguesa datada do século XIII (CUNHA, 2010, p. 448). Os dicionários contemporâneos do português apresentam *negócio* com acepções que o aproximam a um nome geral; nesses casos *negócio* é ressaltado como regionalismo, brasileirismo, popular ou familiar. Exemplificamos com Houaiss (2009, on-line): “Negócio [...] Regionalismo: Brasil. Uso: informal. algo de que não se sabe ou não se lembra o nome; alguma coisa Ex.: *por favor pegue esse n. aí*”. As variadas acepções atribuídas e o amplo conjunto de significados constituem uma evidência de que *negócio* funcione como um nome geral, no português contemporâneo (AMARAL; RAMOS, 2014).

Embora o item seja utilizado majoritariamente para se referir a um objeto não especificado ou não denominado, a palavra também possui acepções específicas na língua, como a de acordos ou transações comerciais, o que não acontece com o nome geral *coisa*, por exemplo. Conforme Amaral e Ramos (2014), *negócio* é usado preferencialmente para a referência a entidades inanimadas, sendo elas concretas ou abstratas e não parece ser um bom candidato para se referir a pessoas.

Quanto às realizações morfológicas do nome *negócio*, os mesmos autores apontam que tal item sofre distintas reduções sonoras na língua oral como monotongação da última sílaba (*negoço*); perda do ditongo (*negós*); perda da última sílaba (*negó*). Esse nome geral pode apresentar flexão de número realizada com a marca [-s], porém, os dados do *corpus* por eles analisados seguem a tendência do português oral brasileiro em que a marca de número é realizada apenas no determinante e não no nome. Os autores consideram a redução sonora como um forte argumento a favor da gramaticalização de *negócio*. Este item é modificado por adjetivos, sintagmas preposicionais ou orações, sendo o sintagma preposicionado importante para completar o conteúdo semântico do nome geral *negócio* que não descreve a entidade referida (AMARAL; RAMOS, 2014).

Amaral e Ramos (2014) mencionam algumas informações que reforçam a ideia de que o nome *negócio* passou por gramaticalização, como a redução sonora, já mencionada anteriormente, e o fato de que, ao realizarem uma análise variacionista envolvendo *coisa* e *negócio*, os resultados mostram que os jovens preferem o nome geral *negócio*, e os idosos preferem *coisa*, o que sugere mudança em progresso. Já em relação às funções sintáticas, é mencionado o favorecimento do item *negócio* na posição de sujeito, e os autores sugerem que uma explicação para esse dado seja o fato de que esse nome geral é recente e é na posição de sujeito que itens mais recentes se realizam.

Já Barbosa et al. (2012), ao analisarem as ocorrências do item *negócio* em *corpus* oral do estado de Minas Gerais, verificam que a frequência do termo é baixa e que *negócio* [+genérico] é mais frequente do que o [+específico].

Nosso trabalho segue adiante apresentando conceitos importantes para entender o processo de gramaticalização.

### 3 GRAMATICALIZAÇÃO: PRINCIPAIS CONCEITOS E SUA APLICAÇÃO AO NOME *NEGÓCIO*

Teria sido Meillet em 1912, em um artigo intitulado “L’*évolution des formes grammaticales*”, o primeiro a utilizar o termo *gramaticalização*. São abordados dois procedimentos que promovem o surgimento de formas gramaticais: um deles, como sendo a analogia, e o outro a gramaticalização, que “consiste na passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical.” (MEILLET, 1912, p. 27).

Para Traugott (2003, p. 624), uma definição “standard” do que seria gramaticalização é “the process whereby lexemes or lexical items become grammatical”<sup>2</sup>. Bybee (2007), após pesquisas sobre esse processo no âmbito de várias línguas, observa que as fontes primárias de afixos gramaticais são vocábulos livres ou sintagmas. A gramaticalização, portanto, constitui um processo que toma uma direção de *lexical* > *grammatical* ou *-grammatical* > *+grammatical*. Conforme Traugott (2003), a gramaticalização é um fenômeno que ocorre de maneira gradual e variável, não por meio de saltos abruptos, mas por pequenos passos ou mudanças paramétricas.

Segundo Brinton e Traugott (2005), a gramaticalização pode ser abordada de um ponto de vista sincrônico e diacrônico e o que há de comum a todos os trabalhos sobre este tema é o intento de entender como são estruturados os modelos sintáticos e morfológicos, como e por que categorias gramaticais surgem e ainda como livres combinações e modelos fixos interagem.

Conforme Vossler (1968), dentre as causas da gramaticalização está a falta de atenção do falante em relação ao que é dito e que é decorrente da repetição, que à força do uso provoca um enfraquecimento de sentido. Já a repetição causa a abstração do signo concreto e, com isso, a evolução dos morfemas tende a ser no sentido da passagem concreto > abstrato, particular > geral, assim como ocorre com os nomes gerais. Além de enfraquecer o sentido, a repetição também provoca uma redução fonética, algo observado em Bybee (2007), Krug (2001).

Aplicando-se a teoria da gramaticalização à passagem de nome lexical a nome geral sofrida por *negócio*, Barbosa et al. (2012), em seu estudo sobre o uso de *negócio* no falar de Minas Gerais, consideram a hipótese de que tal nome já era bastante utilizado pelos falantes mineiros

no início dos anos 2000 e que a perda semântico-fonológica, a frequência de uso e a especialização são pré-requisitos para a gramaticalização. As autoras descrevem os seguintes fatos que evidenciam o processo de gramaticalização de *negócio*: a forma etimológica coexiste com a forma mais genérica; a forma sem perda fonológica também pode atuar como generalizador, ou seja, a forma gramaticalizada mantém alguns traços da forma original; e por fim, a forma gramaticalizada é mais frequente do que a forma etimológica.

Tomando como base essas informações sobre o nome geral *negócio* e o processo de gramaticalização, partiremos agora para a apresentação dos procedimentos metodológicos.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Como o objetivo do presente estudo é a comparação de informações dos séculos XVIII e XXI, foi necessária a coleta de dados presentes nos dois períodos. Logo, buscamos por textos setecentistas e com ortografia não modernizada, pois manteriam a fidelidade de uma pesquisa histórica. O *corpus* é composto por 24 textos do século XVIII, de diferentes gêneros e motivações, como cartas, certidões, requerimentos, representações, registros, entre outros. Levamos em conta, assim, o alerta feito por Maia (2012) em relação às características necessárias a um *corpus* para estudos diacrônicos: autenticidade, fiabilidade, extensão e diversidade de tipologia dos textos. Acerca dos 24 textos utilizados, suas referências completas se encontram ao final do artigo. A grande quantidade de textos necessária para as análises se deu pelo fato de o termo *negócio* se apresentar pouco usual e, portanto, ter sido difícil coletar um número satisfatório de ocorrências em apenas um documento que fosse setecentista e não modernizado. O fato também foi verificado no português oral do século XXI, em que *negócio* se apresenta menos frequente que outros nomes gerais como *coisa* e *pessoa* (AMARAL; RAMOS, 2014).

Os dados do século XXI utilizados para tal comparação são aqueles oferecidos e já trabalhados na obra de Amaral e Ramos (2014), na qual iremos nos basear para descrever o nome *negócio* neste século. Já os dados referentes ao latim foram retirados dos dicionários latinos de Faria (2003), Ferreira (19--), Gariel (1960) e Torrinha (1942).

## 4.2 AS ETAPAS DA ANÁLISE

Nossa análise de *negócio* no português setecentista brasileiro tem como ponto de partida a definição de Bluteau (1728), presente em um dicionário coetâneo ao *corpus* analisado. O autor apresenta dois extensos verbetes para o nome *negócio*, que serão apresentados com mais detalhe na próxima seção, sendo o primeiro “qualquer coisa que nos pode ocupar com cuidado, com trabalho, com idas, e vindas” (p. 701), e o segundo “interesse, conveniencia, lucro” (p. 702).

A partir desse cenário, criamos três grupos com as 164 ocorrências encontradas, tendo-se como critério a presença dos traços semânticos [+genérico] e [+específico]. No primeiro grupo, incluímos aquelas ocorrências que se assemelham mais ao nome *negócio* utilizado como um nome genérico; no segundo, incluímos aquelas que se aproximam do uso específico da palavra *negócio*, como ligação a acordo/trato comercial. Foi criado, ainda, um terceiro grupo, que intitulamos de “ambíguo”, ao qual atribuímos as ocorrências em que o contexto não oferece evidências suficientes para uma interpretação mais clara, sendo possível ambas as interpretações.

Após a divisão e a descrição do comportamento de cada grupo, deixamos de lado os termos analisados como [+específico], por não diferirem semanticamente dos termos [+específico] atuais. O conjunto de ocorrências selecionado para ser comparado com o nome *negócio* do século XXI, [+genérico] e “ambíguo”, permitiu responder às questões propostas na introdução do artigo.

## 5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Chamamos a atenção para o fato de que, se Bluteau (1728, p. 701) julgou necessário criar dois verbetes diferentes para uma mesma



palavra, logo, sua acepção variava de acordo com o uso: o sentido *negócio* já apresentava dois diferentes macroaspectos. Retomemos aqui os verbetes citados, o primeiro “qualquer coisa que nos pode ocupar com cuidado, com trabalho, com idas, e vindas”, e o segundo “interesse, conveniência, lucro”. Interpretamos essas acepções como sendo uma mais generalizada, pois se refere a *qualquer coisa* (vemos aqui a palavra *coisa*, nome geral por excelência) que requer cuidado e dedicação, não se atendo apenas ao campo semântico de acordo/trato comercial. Já a outra acepção é tida como específica, pois inclui três palavras que estão intrinsecamente ligadas a ideia de acordo/trato comercial: interesse, conveniência, lucro. O verbete completo que Bluteau (1728, p. 701) apresenta para *negócio*, em duas páginas, é extenso e as acepções variadas, deixando evidente a aplicação do termo em diferentes contextos.

Foi possível formar o seguinte quadro de ocorrências e suas classificações:

**TABELA 2 - OCORRÊNCIAS E CLASSIFICAÇÕES DE *NEGÓCIO***

TEXTO	Nº DE OCORRÊNCIAS	GRUPOS		
		[+GENÉRICO]	[+ESPECÍFICO]	AMBÍGUO
COELHO E DUCHOWNY (2013)	18	15	03	-
LOSE ET AL. (2009)	05	04	01	-
MUNHOZ (2015)	28	14	09	05
XAVIER (2012)	07	01	05	01
FACHIN (2011)	05	04	01	-
COSTA (2007)	15	12	03	-
MONTE (2013)	06	02	02	02

CALDAS (2015)	46	04	41	01
CORPORA PHPB (2018)	30	11	13	06
LOSE; PAIXÃO (2018)	4	1	3	-
TOTAL	164	67	81	16
%	100	41	49	10

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Como se pode perceber, praticamente metade (49%) dos itens *negócio* referem-se a trato/acordo comercial, isto é, não são nomes gerais. Com valor muito próximo, 41% dos itens são nomes gerais e os 10% restantes geram ambiguidade na definição, pelo menos para o leitor do século XXI e de acordo com os critérios por nós empregados. Vejamos agora como se comportam cada um dos grupos analisados.

### 5.1 GRUPO [+ESPECÍFICO]

Como já visto, o grupo de nomes com acepção específica representa 49% das ocorrências, ou seja, quase metade do que foi coletado e o maior número dentre os três conjuntos. Uma das causas para esse dado pode ter relação com os gêneros da maioria dos textos que compõem o *corpus* e os assuntos por eles tratados, pois grande parte diz respeito a questões administrativas do reino e cartas oficiais. Segue um exemplo de *negócio* ocorrendo como [+específico]:

(4) hé raro o Navio, que escápa aos insultos, e violencias, Com que são tratados pelas Nasçoens Estrangeiras Concorrentes, que não podendo fazer o seo Negocio Com os Negros, sem o Tabaco, Genero de primeira nesessedade, e gosto para os mesmos (doc. 18, linha 45) (Corpora PHPB, 2018).

Fica clara, nesses trechos, a relação da palavra *negócio* com atividades lucrativas de diversos tipos, como vender tabaco, comércio de diversas mercadorias, etc.

Outras situações em que o sentido específico do nome *negócio* nos é evidente são aquelas em que a expressão fixa *homens de negócio* aparece. A expressão ocorreu 19 vezes, tanto no plural como no singular. Vejamos:

(5) resta porem, ao meu parecer, huma difficuldade que vencer, para de todo se franquear a dita Navegaçãõ, e dar aos homens de negocio aquella tranquillidade, e Segurança, que pede de Sua natureza o Comercio (fôl. 157v, linha 7695) (COSTA, 2007).

## 5.2 GRUPO [+GENÉRICO]

Esse conjunto de nomes agrupou 41% das ocorrências, o segundo maior número e 8% abaixo do que o grupo [+específico] reuniu. O referente de *negócio*, nesses casos, pode ser um assunto, uma atividade não envolvendo lucro/comércio. A palavra pode ainda ser empregada para retomar toda uma situação. Um exemplo:

(6) tambem se pasaõ os provimentoz para as serventias dos officios e as Patentez aos officiaes Militares, e os mais despachos que todos os diaz há sobre os negocioz particulares de toda esta Capitania (CALDAS, 2015, p. 83).

Vemos aqui como o termo *negócio* é utilizado para se referir a questões que dizem respeito não apenas a toda uma Capitania, mas a toda América. Ocorrências semelhantes a esses aparecem no *corpus*, como “*negócios da Irmandade*”, “*negócios do Reino*”. A palavra *negócio* aqui tem uma capacidade referencial ampla, pois tais negócios podem se referir não apenas a tratos comerciais, considerando que uma capitania e a América possuem diversos assuntos a tratar, de vários teores. Passemos para outro exemplo:

(7) concluiu felizmente o seu Governo, buscou o Retiro da sua Cella, e de todo entregue aos exercicios de hum perfeito Religiozo, nenhuma couza lhe importava mais do que tractar do importante negocio da sua salvacaõ (fól. 46r, linha 6) (COSTA, 2007).

O exemplo acima se encontra no *Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia*, onde são relatados de maneira breve a vida e a morte dos monges do dito Mosteiro. O trecho em questão conta os últimos feitos de um desses monges, em que vemos *negócio* ser empregado em um contexto em que claramente não há relação com a ideia de acordo/trato comercial, mas sim com questões puramente religiosas e espirituais.

Outro trecho interessante é o que se segue, em que *negócio* é utilizado para retomar todo o assunto de uma carta. Na ocasião, uma mulher agradece ao destinatário pelos auxílios prestados ao seu filho que estaria estudando Filosofia em São Paulo e pede para que prossiga com a caridade:

(8) ezpero de Vossa Reverendissima o bom exito dezte negocio por cuja rezam ficarei a Vossa reverendissima eternamente obrigada (doc. 60, linha 16) (MONTE, 2013).

Um ponto também observado é o frequente uso do nome *negócio* em nomes de cargos e instituições governamentais, por exemplo:

(9) logo, que houverem chegado ao Porto da Cidade de Lisboa, e forem mandados desembarcar, passem via recta dos Navios, que os transportarem á Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, e Dominios Ultramarinos, para nella receberem as ultiores ordens de Sua Magestade (p. 267, linha 16) (MUNHOZ, 2015).

Nesses casos, classificamos *negócio* como genérico, considerando todos os assuntos tratados e atividades tidas como responsabilidade de tais instituições, que são variadas e abrangentes.

### 5.3 GRUPO AMBÍGUO

As ocorrências consideradas ambíguas foram 10% do total coletado. Consideramos a existência de ambiguidade, mesmo que em menor número, um dado relevante para a discussão dos resultados, como veremos adiante. Vejamos alguns exemplos de trechos em que o contexto não oferece evidências suficientes para uma classificação entre específico ou genérico:

(10) em taes termos pella minha obediencia ás Ordens Superiores, e pella minha honra Pessoal tenho determinado dar sobre este importante **negocio** a ultima providencia, que por hora consiste em eu mandar o Meirinho Geral desta Comarca com as Ordens, que lhe ha-de-apresentar á Vossasmerces e guardar com a mayor exátidaõ (doc. 70)(*Corpora PHPB*)

O texto no qual se encontra esse trecho trata de uma escassez de farinha pela qual a Bahia passou, esgotando-se todas as tulhas e que por isso seria necessário ordenar que os lavradores enviassem as maiores remessas de farinha ao dito local. Sendo assim, “o importante negócio”, nesse caso, pode estar se referindo ao negócio da farinha em si, como atividade agrícola e lucrativa (e seria, portanto, em sentido específico), ou a toda a situação, como um problema a ser resolvido (o que seria classificado como acepção generalizada).

Já, *negócio* mencionado abaixo, do qual irão tratar os navios nas ditas ilhas, pode se referir tanto ao trato comercial, como compra e venda de especiarias, como também resolver demais questões e assuntos, que não tenham relação apenas com o comércio em si, mas de diversos aspectos, que não foram especificadas no texto.

(11) Sinco, ou seis leguas por este rio asima estaõ huãs Ilhas, onde costumaõ ancorar os navios, que ali vão fazer negocio: podese encostar a tersa, e amararse pela quilha, porque he tudo lama solta ( CALDAS, 2015, p. 336).

O que todas essas ocorrências possuem em comum é a dupla possibilidade de interpretação entre específico e genérico. O limite entre as duas acepções seria mais evidente para um falante da época, do que é para um falante de português do século XXI? Essa ambiguidade na análise só ocorre pelo fato de que na época já era possível interpretar uma mesma palavra com dois sentidos que envolvem campos semânticos distintos, um mais restrito (específico) e outro mais abrangente (genérico).

Fomos levadas, então, a retroceder ainda mais no passado do termo, com o intuito de verificar se a gramaticalização de *negócio* só teria se iniciado no século XVIII. Isso é pouco provável porque pelo

menos 41% dos itens já estão plenamente gramaticalizados e outros 10% parecem estar em pleno processo de gramaticalização.

#### 5.4 O TERMO *NEGÓCIO* NO LATIM

Ao analisar os dados coletados, notamos que, embora a quantidade de ocorrências do termo *negócio* em sentido específico seja maior que em sentido genérico, essa diferença foi de apenas 8% e a acepção mais generalizada também se mostrou frequente (41%). Levantamos então o questionamento de que, se no século XVIII esse cenário era tão dividido, seria possível que nos séculos anteriores também fosse assim? Ou talvez, que *negócio* com sentido genérico sempre tenha existido?

Amaral e Ramos (2014), como vimos, sugerem que *negócio* não teria entrado com o estatuto de nome geral na língua portuguesa, diferentemente de *coisa*. Buscamos, então, dicionários de latim para entender com que sentido esse termo seria utilizado antes de entrar para a língua portuguesa. A entrada de Faria (2003, p. 639, grifo nosso) para *negotium*, do latim é extensa:

I - Sentido próprio: 1) Ocupação, trabalho, negócio [...]. II - Sentido figurado: 2) Dificuldade, embaraço [...] Na língua falada: 3) **Coisa**, negócio, assunto, negócios particulares: [...] Em sent. Particular: 4) Negócio forense, processo, causa: [...]. 5) Atividade política, negócios públicos [...]. 6) Negócios comerciais, comércio, negócios.

Vemos aqui *negócio* sendo descrito como sinônimo de *coisa*, sendo que, esse mesmo termo é tido como nome geral por excelência, que teria possuído desde sempre um sentido genérico e uma ampla capacidade referencial. Outros dicionários de latim que também apontam essa relação entre *negotium* e *coisa*: Ferreira (19-- , p. 748-749) “Coisa, criatura (falando de pessoas), negócio, assunto, missão, tarefa”; Torrinha (1942, p. 549), “Coisa, negócio, assunto; ser, criatura”. Gariel (1960, p. 405) não indica *negotium* como sinônimo de *coisa*, mas pode-se ver que seu referencial é vasto e o referente é sempre [+abstrato]: “occupation”, “travail”, “affaire (publique ou privé)”, “devoir”, “fonction”, “l’administration”, “le gouvernement”, “affaire d’argent”,

“intérêts”, “négoce”, “le commerce”, “les affaires”, “administrer sua fortune”, “difficulté”, “peine”, “embarass”, “contestation”, “procès”.<sup>3</sup>

Esses dados corroboram com nossa hipótese de que *negócio* seria um nome geral no século XVIII, mas refutam a ideia de que seria esse o ponto inicial da utilização desse item com sentido genérico, o que indica que a gramaticalização de *negócio* pode ter se iniciado bem antes desse século, ou ainda que, *negócio* já teria entrado na língua portuguesa com estatuto de nome geral. No entanto, o foco dessa pesquisa é o estudo do termo em questão em textos setecentistas e não no latim. Fica aqui nossa sugestão para uma pesquisa que se aprofunde no caso seria o ideal para entendermos o processo sofrido por *negócio* em estágios mais remotos da língua.

## 5.5 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE O NOME *NEGÓCIO* DO SÉCULO XVIII E O DO XXI

A principal semelhança observada entre os dois estágios do nome *negócio* é o seu papel na retomada de termos, orações ou todo um assunto, como podemos observar no exemplo abaixo:

(12) a Sua Magestade foram presentes as Cartas de Vossa Senhoria das dattas de 21, e 22 de Settembro do Anno proximo passado, Sobre os frequentes homicidios, que Se comettem nessa Capitania, Sem temor de Deos, e das Iustiças de El REY Nosso Senhor. Sua Magestade tem tomado este **Negocio** na Sua Real Consideraçãõ, para lhe dar prompta, e efficáz providencia (p. 305, linha 8) (MUNHOZ, 2015).

Uma das principais diferenças observadas entre o século XVIII e o XXI foi que, dentre o grupo [+genérico], a referência foi feita apenas a entidades abstratas, enquanto que no século XXI é comum que o nome *negócio* seja utilizado também para se referir a entidades concretas, funcionando como um sinônimo de *coisa* nesses casos (AMARAL; RAMOS, 2014, p. 70). Outra diferença entre o nome *negócio* nos dois estágios analisados que podemos postular é o fato de que, no século XVIII, embora a acepção mais generalizada já tenha se afastado um pouco do campo semântico de acordo/trato comercial, seu uso ainda é restrito a certos contextos. Durante nossa análise, o nome *negócio*

esteve sempre envolvido com questões administrativas, assuntos a serem tratados, atividades ou compromissos a serem cumpridos, não chegando a ser um sinônimo de *coisa* propriamente dito, o qual o falante pode recorrer para substituir qualquer termo que tenha esquecido ou não queira mencionar, logo, essa função ainda não parecia possível.

Já um estudo a respeito da redução fonética em *negócio*, uma das características da gramaticalização, não pôde ser feito por se tratar de um *corpus* do século XVIII escrito, que não favoreceu a observação do fenômeno. De qualquer maneira, as 164 ocorrências encontradas não apresentam adulteração alguma à direita.

## 5.6 CONTINUM DE GRAMATICALIZAÇÃO DE *NEGÓCIO*

A partir da análise feita nesse trabalho e dos dados que compõem o *corpus*, é possível afirmar que *negócio* estava, no século XVIII, e está passando, no século XXI, pelo processo de gramaticalização. Tanto a sua frequência em relação ao [+específico] quanto sua capacidade referencial estão aumentando.

Vimos que no século XVIII o termo específico era mais utilizado do que o genérico, totalizando 49% contra 41%, respectivamente. Já no século XXI, o trabalho feito por Barbosa et al. (2012, p.198) indica que a forma genérica já é predominante:

[...] a outra parte da nossa suposição, em que dizemos ser mais frequente o nome geral do que o nome lexical, é confirmada, já que *negócio* genérico é mais usado pelos informantes do que o *negócio* etimológico.

Não foram encontradas ocorrências de *negócio* fazendo referência a entidades concretas, apenas abstratas. Porém, quanto ao século XXI em diante, *negócio* possui referentes tanto concretos quanto abstratos. Consequentemente, o termo passa a ser aplicável a mais contextos.

Chegamos a resultados que contrariam a hipótese de Amaral e Ramos (2014) de que *negócio* teria começado a funcionar como um nome geral a partir do século XVIII, pois foram encontradas ainda, definições em dicionários de latim que já apontam *negócio* como um sinônimo de *coisa*. Futuramente, é preciso verificar o comportamento



de *negócio*, na língua portuguesa, antes do século XVIII. Outro ponto presente em trabalhos anteriores que se opõe aos resultados aqui encontrados foi o *continuum* de gramaticalização traçado por Barbosa et al. (2012, p. 196). Concordamos com as autoras no que se refere ao fato de que *negócio* passa por gramaticalização, porém, propomos um caminho distinto para esse processo.

Conforme as autoras, *negócio* etimológico seria [+concreto] e [+específico], enquanto que o nome *negócio* genérico seria [+abstrato] e [-específico]. A nossa análise mostra, na verdade, que no século XVIII tanto o nome etimológico quanto o genérico eram [+abstratos], pois não foi encontrada nenhuma ocorrência em que o referente fosse uma entidade concreta. Vejamos um exemplo de *negócio* específico com referente abstrato:

(13) A Vossa Excellencia dou conta como o principal **negocio** desta Capitania he a Compa das bestas, que se vaõ buscar a fronteira de Viamão: a passagem dellas, e os direitos que pagaõ nos Registos saõ a principal renda, que tem a Provedoria de Viamaõ, e a desta Capitania de Saõ Paulo (p. 211, linha 4) (MUNHOZ, 2015).

Na ocorrência acima, o referente de *negócio* é “a compra das bestas”, em que o substantivo *compra* não é uma entidade concreta, mas sim o ato de compra propriamente dito, ou seja, uma ação.

Quanto ao nome geral, esse teria posteriormente adquirido a capacidade de fazer referências a entidades concretas, sendo não apenas [+abstrato], como mencionam as autoras, mas [+abstrato] ou [+concreto] (AMARAL; RAMOS, 2014).

A partir dessas informações, traçamos abaixo o *continuum* da gramaticalização de *negócio*, em que “+” indica presença, “-” indica ausência e “++” indica presença maior do que “+”:

**QUADRO 1** - CONTINUUM DE GRAMATICALIZAÇÃO DE *NEGÓCIO*<sup>4</sup>

PROPRIEDADE(S)	LATIM	PORTUGUÊS S. XVIII	PORTUGUÊS S. XXI
COEXISTÊNCIA ENTRE AS FORMAS [+GENÉRICO] E [+ESPECÍFICO]	+	+	+
FORMA [+ESPECÍFICA] MAIS FREQUENTE	A VERIFICAR	+	-
MAIOR CAPACIDADE REFERENCIAL	A VERIFICAR	+	++
CONTEXTOS DE USO RESTRITOS	A VERIFICAR	+	-
FORMA [+GENÉRICO] SINÔNIMA DE <i>COISA</i>	+	-	+
FORMA [+GENÉRICO] SINÔNIMA DE <i>QUESTÃO</i> , <i>MATÉRIA</i>	+	+	+
[+ABSTRATO]	+	+	+
[+CONCRETO]	+	-	+

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Como se pode observar, o item *negócio* já existia como nome geral no latim. Em relação aos séculos XVIII e XXI, podemos perceber que houve algumas mudanças: o nome geral torna-se mais frequente do que a forma específica, a capacidade referencial aumenta, apesar de os contextos de uso não o fazerem. Além do mais, no século XXI, vemos *negócio* como sinônimo de *coisa*, além de ser usado para se referir a elementos concretos, o que não se encontrou no século XVIII, pelo menos no *corpus* recortado.

Quanto aos dados do latim, não temos informações mais precisas sobre o termo *negócio* em tal fase, pois, como já foi dito, o foco do presente trabalho é o estudo dessa lexia no século XVIII. Dessa maneira, faz-se necessário um estudo que busque aclarar como se deu o desenvolvimento do termo em sua passagem do latim para o português. A informação de que nos dispomos no momento é que, no latim, *negócio* era sinônimo para *coisa*. Nossa hipótese é de que em algum

momento de sua passagem do latim para o português esse uso teria desaparecido ou sido menos frequente, já que não foi encontrada nos dicionários setecentistas uma definição para *negócio* comparando-o a *coisa*, assim como os dados analisados mostram *negócio* comportando-se mais como os nomes gerais *matéria* e *questão*, do que como *coisa*.

## 6 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Ao fim da análise, podemos finalmente responder às questões propostas no início desse trabalho. Sendo assim, podemos afirmar que o limite entre a acepção mais generalizada e a específica de *negócio* não era clara, pois houve ambiguidade em 10% das ocorrências da palavra, o que para nós é mais uma evidência de que no século XVIII o nome já passava por gramaticalização: a ambiguidade só ocorre por conta do convívio de duas acepções distintas para o mesmo nome. Logo, *negócio* com sentido de trato comercial, acordo/trato comercial, não era mais o único significado para tal item.

Mesmo já existindo uma acepção mais genérica para o nome *negócio*, essa não foi a mais frequente no *corpus*, já que seu número de ocorrências representou 41% contra 49% específicas, o que indica que não seria a mais utilizada. No entanto, o número de ocorrências genéricas foi alto, tendo em mente que está apenas 8% abaixo da quantidade específica.

O nome *negócio* já era bastante usado com papel importante na coesão textual, no entanto, não foram registradas ocorrências do nome em acepção generalizada fazendo referência a entidades concretas, não funcionando totalmente como sinônimo de *coisa* nesses casos, como os dicionários de latim apontam. Nossa hipótese é de que teria ocorrido alguma mudança na capacidade referencial do nome *negócio* em sua passagem do latim para o português. Uma resposta para essa questão pode ser respondida com um estudo posterior.

O item *negócio* setecentista, mesmo quando usado de maneira mais genérica, ainda estava restrito a contextos de questões administrativas, assuntos e questões a serem tratadas (esses podem ser de diversos gêneros: pessoais, religiosos, oficiais, etc.), resoluções de problemas, atividades ou compromissos a serem efetivados.

A hipótese inicial de que *negócio* já era um nome geral no século XVIII é confirmada, levando em conta a grande quantidade de ocorrências genéricas em relação ao total analisado (41%). No entanto, o termo ainda não se encontrava no fim do *continuum* de generalização de *negócio*, por não haver ocorrências desse item fazendo referências a entidades concretas, como o faz o nome *coisa*, sinônimo de *negócio* no século XXI. Isso indica que o uso nesse sentido não era muito comum, diferentemente do que vemos no cenário atual. O nome *negócio* se assemelhava mais aos nomes gerais *questão* e *matéria*, como afirmam Duchowny e Oliveira (2018).

## NOTAS

- 1 Para uma leitura mais fluida e maior facilidade na análise, optamos por separar os vocábulos utilizando-se o critério morfológico, alterando, assim, os espaçamentos (ou a ausência deles) nos textos originais setecentistas. O termo em questão aparece negrito. Os exemplos sem indicação de fôlio se devem ao fato de a edição não indicar os fôlios nem as linhas do original.
- 2 Tradução nossa: “o processo no qual lexemas ou itens lexicais se tornam gramaticais.”
- 3 Tradução nossa: respectivamente: *ocupação, trabalho, negócio (público ou privado), dever, função, administração, governo, negócio financeiro, juros, negócio, comércio, negócios, administrar a sua fortuna, dificuldade, sofrimento, incômodo, contestação, processo.*
- 4 Não poderíamos nos omitir de sugerir, para um próximo trabalho, um aprofundamento relativo aos variados graus de gramaticalização do termo, partindo-se das propostas de Hopper (1991) e de Coelho (2013).

## LA PALABRA *NEGÓCIO* EN EL PORTUGUÉS BRASILEÑO DEL SIGLO XVIII

### RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar las características del nombre *negócio* en el portugués brasileño del siglo XVIII. Esta investigación fue motivada por la observación hecha por Amaral y Ramos (2014), que sugieren que el siglo XVIII parece haber sido la fase inicial de la gramática de *negócio*, pasando

de nombre lexical a general. Existe evidencia de que *negócio* se utilizó como sinónimo de *coisa*, nombre general *par excellence*, incluso en latín, lo que nos lleva a suponer que la gramaticalización de *negócio* es más antigua de lo que pensamos y que *negócio* ha entrado en el portugués ya con el estado de nombre general.

PALABRAS CLAVE: Nombre general. *Negócio*. Português brasileiro del siglo XVIII. Gramaticalización.

---

## THE WORD *NEGÓCIO* IN 18<sup>TH</sup> CENTURY BRAZILIAN PORTUGUESE

### ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the main characteristics of the name *negócio* in 18th century Brazilian Portuguese. This research was motivated by the observation made by Amaral and Ramos (2014), who suggest that the 18th century seems to have been the initial phase of *negócio* grammaticalization, going from lexical to general name. There is evidence that *negócio* was used as a synonym for *coisa*, a general name *par excellence*, still in Latin, which leads us to assume that *negócio* grammaticalization is older than we imagine and that it has already entered into Portuguese with the status of general noun.

KEYWORDS: General noun. Word *negócio*. Eighteenth-century Brazilian Portuguese. Grammaticalization.

---

### REFERÊNCIAS

AMARAL, E.; RAMOS, J. *Nomes gerais no português brasileiro*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2014.

BARBOSA, E. et al. *Negócio como nome geral no falar de Minas Gerais*. *Crátulo: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, UNIPAM, v. 5, n. 2, p. 180-198, 2012. Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/41762/negocio.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2018.

BLUTEAU, R. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 29 fev. 2018.

BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. *Lexicalization and Language Change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CALDAS, J. A. *Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o prezente anno de 1759*. Editado por Aícia Lose, Vanilda Mazzoni, Perla Peñailillo. Salvador: Memória e Arte, 2015.

COELHO, S. M.; DUCHOWNY, A. T. *Documentos adamantinos setecentistas*. Belo Horizonte: Labeled; Fale, 2013.

COELHO, S. Gradualismo do processo de gramaticalização e princípio da persistência. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 519-541, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/79804>. Acesso em: 29 fev. 2018.

*Corpora* PHPB: Projeto Para a História do Português Brasileiro. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Acesso em: 12 mar. 2018.

COSTA, R. F. *Edição semidiplomática de “Memória histórica da Capitania de São Paulo”*. 2007. 558 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10012008-112512/pt-br.php>. Acesso em: 22 mar. 2018.

CUNHA, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon: FAPERJ, 2010.

DUCHOWNY, A. T.; OLIVEIRA, L. P. de. Os nomes gerais [-humano] no português do século XVIII. *Brasiliana Journal for Brazilian Studies*, Aarhus, 2018. No prelo. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras>. Acesso em: 15 mar. 2019.

FACHIN, P. R. M. *Práticas de escrita setecentista em manuscritos da administração colonial em circulação pública no Brasil*. 2011. 430 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-01112011-131748/pt-br.php>. Acesso em: 22 mar. 2018.

FARIA, E. *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Belo Horizonte: Garnier, 2003.

FERREIRA, A. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto Ed.; Lisboa: L. Fluminense, [19--].

- GARIEL, A. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hatier, 1960. (v. 2).
- HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London/New York: Longman, 1976.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. (v. 1).
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua portuguesa 2009.6*. São Paulo: Objetiva, 2009.
- KRUG, M. Frequency, iconicity, categorization: evidence from emerging modals. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul. (Org.). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. 309-335.
- LOSE, A. D. et al. (Org.). *Dietário do Mosteiro de São Bento da Bahia*: edição diplomática. Salvador: Edufba, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ufba/113>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- LOSE, A. D.; PAIXÃO, Dom G., OSB (Coord.). *Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*. Disponível em: <http://saobento.org/livrosdotombo/>. Acesso em: 12 mar. 2018.
- MAIA, C. Linguística histórica e filologia. In: LOBO, Tania et al. (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: Edufba, 2012. p. 533-542. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/67y3k>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- MEILLET, A. A evolução das formas gramaticais. *Rónai: Revista de estudos clássicos e tradutórios*, UFJF, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 26-37, 2017. Disponível em: <https://ronai.ufjf.emnuvens.com.br/ronai/article/view/203>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- MONTE, V. M. do. *Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)*. 2013. 653 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-18062013-103230/pt-br.php>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- MUNHOZ, R. F. *Filologia e discurso na correspondência oficial do Morgado de Mateus*. 2015. 938 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22122015-124218/pt-br.php>. Acesso em: 22 mar. 2018.

TRAUGOTT, E. Constructions in Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Org.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Malden, MA: Blackwell Pub., 2003. p. 624-647.

VOSSLER, K. *Filosofia del lenguaje: ensayos*. Buenos Aires: Losada, 1968.

XAVIER, V. R. D. *Conexões léxico-culturais sobre as minas goianas setecentistas no Livro para servir no registro do caminho novo de Parati*. 2012. 580 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-29082012-100504/pt-br.php>. Acesso em: 22 mar. 2018.

---

Submetido em 30 de maio de 2018

Aceito em 30 de agosto de 2018

Publicado em 06 de agosto de 2019

---